

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS-UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290000254



FE

TCC/UNICAMP P366e

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO -TCC

**" UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA
DEFICIÊNCIA CIRCUNSTANCIAL NA SALA DE AULA."**

ANA CAROLINA PELLONI

ESTUDANTE DE PEDAGOGIA DIURNO - UNICAMP

DR.A. MARIA TERESA EGLÉR MANTOAN

PROFESSORA ORIENTADORA

CAMPINAS, MAIO DE 1997

ANA CAROLINA PELLONI

**UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA DEFICIÊNCIA
CIRCUNSTANCIAL NA SALA DE AULA.**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para o
curso de Pedagogia com Habilitação na
Formação de Professores para Educação
especial, Unicamp, sob a orientação da
Prof.a. Dra. Maria Teresa Egler Mantoan.**

Campinas, SP

1997

UNIDADE...	FE
Nº CHAMADA:	TCC-UNICAMP
	P366e
V...	
TOMAR...	254
PAGAR...	124/2003
CL...	X
PREL...	1100
DATA...	03.11.03
Nº OPD...	Bib. nd 330603

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

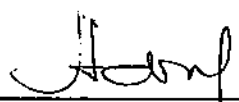
P366e	Pelloni, Ana Carolina. Um estudo sobre a construção da deficiência circunstancial na sala de aula / Ana Carolina Pelloni. -- Campinas, SP : [s.n.l], 1997. Orientador : Maria Teresa Egler Mantoan. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Deficiência circunstancial*. 2. Fracasso escolar. 3. Ambiente de sala de aula. 4. Classes especiais (Educação). 5. Educação especial. I. Mantoan, Maria Teresa Egler. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
-------	--

Data: _____

Local: _____

Banca Examinadora:

Prof.a. Dra. Maria Teresa Egler Mantoan



Prof.a. Dr. Helena Costa Lopes de Freitas

Dedico esse trabalho aos inúmeros alunos das classes especiais.

Agradecimentos:

Aos professores da Faculdade de Educação que contribuíram para minha formação.

A Prof.a. Dra. Anita Liberalesso Neri que me ensinou a pesquisar quando juntas desenvolvemos o trabalho de Iniciação Científica do CNPq.

Especialmente a Prof.a. Maria Teresa Egler Mantoan pela orientação segura com que me guiou, e confiando neste trabalho.

Aos colegas e amigos da Faculdade de Educação pelo incentivo e apoio, que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Sumário

Apresentação

1. Introdução

2. O Ensino Especial- considerações gerais

3. Uma Classe Especial na realidade da escola pública brasileira.

3.1. Conhecendo o espaço físico

3.2. Conhecendo os alunos

3.3. Conhecendo o professor

3.4. A opinião do psicólogo

3.5. Discussão da Prática

4. Considerações Finais

5. Bibliografia

6. Anexos

6.1. Roteiro de entrevista para o professor.

6.2. Roteiro de entrevista do psicólogo.

6.3. Provas

APRESENTAÇÃO:

O presente trabalho é resultado de uma reflexão sobre a prática vivenciada em uma sala especial, localizada em uma escola da Rede Estadual de Ensino de Campinas, São Paulo.

Ao longo dos anos, pouco tem-se falado sobre a construção da deficiência circunstancial na sala de aula, mas os números do fracasso escolar-evasão e da repetência vêm elucidar a existência deste processo.

Na elaboração deste trabalho pareceu-nos fundamental estudar a prática de ensino da classe especial e os profissionais envolvidos na produção da deficiência circunstancial.

Desta maneira a classe especial apresenta-se neste trabalho como objeto de nosso estudo, pois, hoje, como é concebida em nossas escolas, essa classe caracteriza-se como um “depósito de fracassados”.

Para a realização do presente estudo observamos o ensino e os profissionais envolvidos na classe especial e utilizamos o diálogo informal e as entrevistas com roteiros pré-estabelecidos como instrumentos de pesquisa.

1 INTRODUÇÃO:

UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA DEFICIÊNCIA CIRCUNSTANCIAL NA SALA DE AULA.

O fracasso escolar é um grave problema como qual a realidade brasileira vem convivendo há muitos anos. Ele é resultado final da interação de um grande número de variáveis que determinam o aproveitamento escolar. É ele a expressão mais facilmente percebida do fracasso do sistema educacional. O fracasso escolar é resultado do complexo jogo de fatores educacionais, sociais, culturais, econômicos e políticos que afeta a Educação. É somente no contexto da compreensão global desses fatores que se pode enquadrar corretamente a análise de cada aspecto do fenômeno. (Collares e Moysés, 1985, p.5).

Pouco tem sido falado sobre a construção da deficiência circunstancial na sala de aula, mas os números do fracasso escolar vem elucidar este fato. Primeiramente, precisamos esclarecer a diferença entre a deficiência circunstancial e deficiência real.

A deficiência real, foi um termo criado por Mantoan(1994) para caracterizar a deficiência mental originada de uma,

lesão orgânica devidamente instalada em um problema.

No caso do handicap orgânico configura-se um estado definitivo, em que o sujeito é, de fato, um deficiente.(p.1)

A mesma chamou de deficiência circunstancial, ou deficit circunstancial é aquele em que;

intervém os determinantes sociais. Trata-se de uma situação criada pela interação entre incapacidade física e/ou mental e os obstáculos que o social interpõe entre o sujeito e o meio. Diz-se, então, que o sujeito nessas circunstâncias não é, mas está deficiente.(Idem, p.1)

Para Mantoan (1994) trata-se de deslocar o foco da nossa atenção, que até hoje tem recaído sobre o indivíduo reconhecido como deficiente, para o meio social, ou mais particularmente, para as condições sociais associadas à emergência de indivíduos deficientes e para as relações sociais entre estes e outros membros do grupo social, no qual estão sendo reconhecidos e tratados como deficientes.

Ao reconstruir a história das concepções sobre o fracasso escolar, é necessário entender, antes de tudo a visão de mundo que originou este fenômeno. Sabemos que tradicionalmente, ao longo dos anos, a educação tem sido tratada como um privilégio da classe dominante e o sucesso acadêmico atribuído a fatores inerentes ao indivíduo.

As primeiras concepções sobre o fracasso escolar no Brasil foram influenciadas pelas idéias e fatos sociais gerados pela Revolução Francesa e depois pela Revolução Industrial que, de um lado, enfatizam a crença no poder da razão e da ciência, legado do iluminismo e de outro, um projeto liberal em que a igualdade de oportunidades viria substituir a desigualdade baseada na herança familiar . Neste contexto a escola passou a ser valorizada como instrumento de ascensão e de prestígio social pelas classes médias e pelas elites emergentes .

Surgiu nesta época, a crença de que o fracasso e o sucesso escolares são pautados apenas por aptidões individuais .

Machado de Assis, considerado um dos maiores escritores brasileiros e o mais importante do realismo, no seu conto "O Conto de Escola", publicado em 1840, já narrava essa distinção entre o aluno bem e mal sucedido, a partir da teoria das aptidões individuais :

Começou a lição de escrita . Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola ; mas era . Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo

fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção . Note-se que não era pálido nem mofino; tinha boas cores e músculos de ferro . Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos . Em grande contraste o discurso sobre o mal sucedido asseverava : Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda . Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levavam apenas trinta ou cinquenta minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo como cérebro . Reunia a isso um grande medo ao pai . Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre . (Viana,1992, p.10)

A situação política, social e econômica na Primeira República não é muito diferente . No período de 1889 a 1930 vigorou um regime oligárquico de arranjos de bastidores e manipulação de votos . Para que esse regime se sustentasse era necessário que a educação continuasse sendo privilégio de poucos.

Assim sendo, continuou prevalecendo a ideologia das aptidões individuais, para explicar o sucesso e o fracasso acadêmicos .

As idéias da Escola Nova, movimento surgido na Europa, no último quartel do século XIX, pareciam extremamente apropriadas para fundamentar as novas propostas que estavam surgindo em relação à escola pública e a democratização das oportunidades educacionais . Muitos intelectuais apoiaram-se nessas idéias, como fundamentos de tais mudanças.

A nova pedagogia não localizava as causas das dificuldades de aprendizagem no aprendiz, mas nos métodos de ensino.

A Escola Nova reconheceu a especificidade psicológica da criança . Ao registrar que os indivíduos diferem e sua educação deveria ser adaptada a estas diferenças, os precursores da Pedagogia Nova prenunciavam a direção que o tratamento do tema iria assumir nos anos subsequentes, até fins da década de 50. O pensamento educacional nesses anos era de melhorar a qualidade do ensino através de análises e diagnósticos do fracasso escolar e a partir da avaliação das características biológicas, psicológicas e sociais da

clientela escolar. Predominaram pesquisas de natureza psicopedagógica, com a visão do processo ensino-aprendizagem, como resultante do encontro entre a pedagogia e a psicologia no movimento da Escola Nova .

A partir de 1960, cada vez mais as causas do fracasso escolar passaram a ser buscadas no aluno, novamente. Essa tendência se reforçou com a " teoria da carência cultural ", na qual as desigualdades passaram a ser explicadas pelas diferenças de ambiente cultural em que os indivíduos vivem . Assim crianças economicamente desfavorecidas eram vistas como carentes do contato com a linguagem, os valores e os conhecimentos vigentes entre as crianças das classes dominantes, e por isso fracassariam na escola, construída "a partir de" e "para" as classes dominantes .

A aceitação que esta explicação do fracasso escolar das crianças das classes subalternas encontrou no Brasil nos anos 70 é compreensível por quatro motivos : vigência de uma sociedade capitalista; a explicação do fracasso pelos dados da produção científica mundial; o fato de o fracasso escolar corroborar a crença generalizada a respeito da incapacidade de pobres, negros e mestiços; e finalmente, por reforçar as explicações dadas ao subdesenvolvimento econômico em que o Brasil mergulhava.

No decorrer dos anos 70 desenvolveu-se um novo enfoque de pesquisa sobre o fracasso escolar, que foi a investigação da participação do próprio sistema escolar na sua produção . Essas pesquisas passaram a atentar, por exemplo, para aspectos da interação professor-aluno; para a percepção que o professor tem sobre os alunos como evento mediador da interação professor-aluno; para a influência dos métodos de ensino; para a atribuição do fracasso acadêmico a desnutrição, à doenças e a pobreza , a fatores intra-escolares e suas relações com a seletividade social encontrada na escola .

De fato na década de 1980, surgiram muitos projetos dedicados à pesquisa dos mecanismos intra-escolares de seletividade da escola, privilegiando a investigação de aspectos estruturais e funcionais da instituição escolar .

Demonstrada através dos trabalhos científicos, a seletividade social da escola, o passo seguinte foi pesquisar os obstáculos à escolarização das classes populares. Na maioria dos trabalhos realizados nesse sentido os

fatores intra-escolares foram o alvo mais comum, mas também a maioria dos autores apontou para a inadequação da escola à realidade dos alunos . Contudo, a tendência de atribuir aos alunos as causas do fracasso escolar não foi superada ainda, essa tendência foi acrescida apenas de considerações sobre a má qualidade do ensino .

A pesquisa recente sobre o fracasso escolar inclui uma grande variedade de explicações, como por exemplo as ligadas ao aluno e ao seu ambiente, as referentes às condições macroestruturais; as vinculadas ao funcionamento do sistema escolar e, dentro dele, da escola e da sala de aula e as referentes, à dinâmica professor-aluno.

Patto (1990) resume as tendências da área dizendo que uma das principais razões apontadas para a explicação do fracasso escolar é que: ***As dificuldades de aprendizagem escolar da criança pobre decorrem de suas condições de vida (pg 189)***; Esta afirmação demonstra claramente a influência da teoria da carência cultural no pensamento educacional atual.

Collares (1994) critica explicação afirmando:

O cotidiano escolar é permeado de preconceitos, juízos prévios sobre os alunos e suas famílias. Contudo pelo discurso dos professores e diretores, a sensação é de que estamos diante de um sistema educacional perfeito, desde que as crianças vivam uma vida artificial, sem nenhum tipo de problemas, enfim, crianças que provavelmente não precisam da escola para aprender . Para a criança concreta , que vive neste mundo real, os professores parecem considerar muito difícil, se não impossível, ensinar A escola entendida como instituição social concreta, integrante de um sistema sócio-político concreto apresenta-se como vítima de uma clientela inadequada;(p.9,10)

Na escola transfere-se a culpa do sistema de ensino para as deficiências biológicas do aluno carente e assim desloca-se o eixo de uma discussão político-pedagógica para causas e soluções pretensamente médicas, portanto inacessíveis à Educação. Desta maneira as crianças pobres não conseguem

aprender na escola por conta de suas deficiências, sejam elas de natureza biológica, psíquica ou cultural.

No âmbito das causas macroestruturais é comumente enfatizada a inadequação da escola pública.

Segundo Patto (1990) ***A escola pública é uma escola adequada às crianças de classe média e o professor tende a agir, em sala de aula, tendo em mente o aluno ideal;(p.190)***

Este segundo enfoque das pesquisas mais recentes deixa clara a importância do professor no processo ensino / aprendizagem, pois o professor tende a agir visando o aluno ideal, não levando em conta a diversidade cultural de seus alunos e comprometendo assim o desenvolvimento dos mesmos.

Ao longo dos anos já se constatou a influência da relação professor/aluno no processo ensino/aprendizagem. Para Cabral (1987) o professor é o grande líder do processo ensino/aprendizagem.

Segundo esse autor:

As percepções do professor na situação de interação professor/aluno sofrem influência de sentimentos, sejam eles positivos ou negativos, que possui em relação aos alunos como um grupo; bem como dos estereótipos de seu meio social . Estes fatores também vão influenciar a percepção do aluno que tange à interação professor/aluno concretizada ao longo do processo ensino/aprendizagem (p.16)

A percepção do professor é também influenciada pelos estereótipos e preconceitos que ele traz para dentro da sala de aula que são originados na sociedade.

Desta maneira o pressuposto de que a escola não leva em conta os padrões culturais da socialização da criança tornou-se lugar comum na literatura educacional atual. A distância cultural entre a escola e seus alunos pobres apresenta-se através das características do material didático, conteúdo e da linguagem utilizada pelo professor. Assim também a prática do professor pode vir a comprometer o desenvolvimento intelectual de uma criança.

A produção do fracasso escolar inicia-se na escola resultado de inúmeros fatores, mas este projeto comprometeu-se a estudar a produção do fracasso escolar na classe especial. Sua análise, recaiu sobre a classe especial, a relação professor/aluno, a avaliação do desempenho do aluno pelo professor, a metodologia e a prática de ensino, a concepção do professor sobre o fracasso escolar bem como as consequências dessas variáveis referidas no desenvolvimento da aprendizagem.

Acreditamos que esse estudo possa contribuir como crítica pedagógica que alertará sobre o papel do sistema escolar como um todo, na constituição de nosso problema, a construção da deficiência circunstancial.

Há ainda muito o que fazer na área da pesquisa educacional para esclarecer as causas do fracasso escolar, inclusive para que os erros do passado não continuem a se repetir . Qualquer análise dessa questão não deve perder de vista que ela é complexa e causada por muitas variáveis em interação.

2 O Ensino Especial- Considerações Gerais.

Atualmente a educação especial brasileira está norteadada por documentos nacionais e internacionais entre os quais encontramos no Documento Política Nacional de Educação Especial (1995) a Declaração Universal dos Direitos do Homem, Convenção Sobre os Direitos da Criança, a Declaração da Salamanca, culminadas no documento Regras Padrões sobre a Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiências.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem garante a educação para todos, indistintamente, quaisquer que sejam suas origens ou condições sociais.

A Convenção sobre os Direitos da Criança explicita, em seu quinto princípio, os direitos dos portadores de necessidades educativas especiais, levando os educadores em geral a assumirem, conscientemente, a responsabilidade de valorizá-los como indivíduos e como seres sociais.

A Declaração de Salamanca proclama que:

- 1) Toda criança tem direito fundamental a educação e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter um nível adequado de aprendizagem;
- 2) Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades da aprendizagem que são únicas;
- 3) Sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades;
- 4) Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias, criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêem uma educação efetiva á maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficiência de todo sistema educacional.

A educação Especial, no Brasil, também se apoia na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Do ponto de vista pedagógico suas ações são baseadas na Política Nacional de Educação Especial(1994). De acordo com esta política:

a educação deve ser, por princípio, liberal, democrática e não doutrinária. Dentro desta concepção o educando é acima de tudo digno de respeito e do direito a educação de melhor qualidade. A principal preocupação da educação, desta forma, deve ser o desenvolvimento integral do homem e a sua preparação para uma vida produtiva na sociedade, fundada no equilíbrio entre os interesses individuais e as regras de vida nos grupos sociais (p.18).

A educação especial deve seguir os princípios de igualdade, liberdade e respeito a dignidade.

Assim sendo, a educação especial se subdivide em modalidades de atendimento educacional, que são alternativas de procedimentos didáticos adequados às necessidades do alunado da educação especial e que implicam espaços físicos, recursos humanos e materiais diferenciados. Desta maneira a classe especial é caracterizada como uma modalidade de atendimento dentro da educação especial.

Afinal, como se caracteriza a classe especial nas concepções atuais de educação especial?

A proposta formal dessa classe é dada pela Resolução SE/SP n.º 247 de 30/9/86;

são classes com o objetivo de atendimento educacional especializado para portadores de deficiência auditiva, física, visual, mental (grau leve) e superdotados... Só poderão ser atendidos pela Educação Especial os alunos caracterizados como excepcionais por profissionais credenciados...(p.13)"

Ela se caracteriza como uma sala de aula dentro do ensino regular, organizada de forma a se constituir em ambiente próprio e adequado ao processo ensino/aprendizagem do alunado da educação especial. Nesse tipo de atendimento especial, diz a proposta, os professores são capacitados para regê-la e utilizando-se de métodos, técnicas e recursos pedagógicos e, quando necessário, equipamentos e materiais didáticos específicos

Segundo Machado(1994);

As classes especiais das escolas estaduais visam portanto ser um lugar de ensino para crianças diagnosticadas como deficientes ou superdotadas. São classes compostas por 10 a 15 crianças agrupadas, conforme seu diagnóstico, e uma professora especializada. As crianças que supostamente precisam de um trabalho diferente do ministrado na classe comum, podem ir para classe especial se forem diagnosticadas por um psicólogo como deficientes mentais educáveis(p.8)

Os deficientes mentais educáveis (grau leve), pela Portaria interdisciplinar(1986), que regula as diretrizes a serem seguidas pelo ensino especial, são alunos que embora possuam grau de inteligência abaixo da média, podem ser alfabetizados, segundo programa curricular adaptado às suas condições pessoais, alcançando ajustamento parcial ou total.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial, essa modalidade de atendimento escolar permite que o educando participe de atividades sociais junto ao grupo de alunos da escola comum.

As classes especiais devem ser instaladas em locais que evitem o isolamento ou discriminação do atendimento aos alunos. O equipamento e o mobiliário a serem adotados nas classes especiais deverão ser os mesmos da escola comum. Esse mobiliário será de fácil limpeza, deslocáveis e de tamanho adequado à faixa etária dos educandos.

Na escola comum, o atendimento em classes especiais é destinado apenas aos portadores de deficiência mental que não possam ser atendidos satisfatoriamente em classes comum.

A classe especial que funciona na escola comum tem como objetivo a melhor adequação possível do ensino às necessidades do aluno, ao seu desenvolvimento, as suas habilidades e aptidões.

O número de alunos nas classes especiais varia de acordo com as condições dos educandos, aconselhando-se não ultrapassar um máximo de doze alunos em cada classe, respeitando-se as possibilidades locais.

O currículo a ser adotado é o regular e oficial, e o material didático deverá obedecer às especificidades de cada nível de ensino. O pessoal docente, no ensino especial, recebe capacitação apropriada, de acordo com as necessidades e disponibilidades locais.

Mas na prática todas essas especificações não acontecem integralmente. Encontramos em nossas classes especiais crianças que não são deficientes e nem superdotados, mas alunos normais que se diferenciam dos demais por inúmeras variáveis que o nosso sistema de ensino, do modo como estrutura e se comporta hoje, não consegue identificar e atender devidamente. Essa situação é agravada pelo encaminhamento dos psicólogos e professores para essas classes serem feitos de maneira imprecisa e duvidosa.

O referido encaminhamento é, no geral, baseado em avaliações em que são usados os testes de inteligência. Seus resultados são expressos dentro dos limites estabelecidos pelas categorias definidas na curva de QI (quociente de inteligência).

Os deficientes mentais educáveis (grau leve) são aqueles cujo QI está na faixa dos 85 aos 115. A criança para ser encaminhada a uma classe especial, segundo Machado(1994);

é submetida a uma avaliação, um psicodiagnóstico, mas sabemos que na prática as avaliações dessas crianças são feitas com diferentes critérios e instrumentos, conforme a

pessoa que as avalia, e encontramos crianças que nem sequer passaram por uma avaliação psicológica específica(p.26).

O aluno criança que espera um diagnóstico psicológico para ser encaminhado, fica a mercê das concepções deste profissional e das limitações dos testes de avaliação. E ao professor da sala especial cabe receber todas essas crianças e lhes ensinar o conteúdo escolar. Uma tarefa nada fácil.

A lei espera que nas classes especiais seja trabalhado o conteúdo do programa da 1ª a 4ª séries do ensino fundamental e desconsidera os efeitos que a classe especial e suas práticas discriminatórias acarretam na vida do aluno.

Para ilustrar esses fatos seguem abaixo as estatísticas do ensino especial, na modalidade classe especial referentes as tabelas 1 e 2.

Tabela 1

1.1 Número de estabelecimentos por modalidade de atendimento educativo, segundo as unidades da federação, dependência administrativa e localização.

Modalidade de Atendimento Educativo					
Especificações	Estabelecimentos	Classes Especial	Sala de recurso	Atendimento Itinerante	Oficina Pedagógica
Rondônia	28	28			
Acre	8	8			
Amazonas	21	21			
Roraima	2	2			
Pará	71	32	2	46	
Amapá	12	8	2	5	1
Maranhão	20	29	1	1	
Piauí	19	19			
Ceará	39	29	2	8	2
Rio Gd. Norte	60	38	5	36	3
Paraíba	13	13			
Pernambuco	71	64	2	19	
Alagoas	6	6			
Sergipe	10	10	1	1	
Bahia	64	59	6	1	3
Minas Gerais	447	447			
Espírito Santo	124	132	1	16	
Rio de Janeiro	367	293	53	18	4
São Paulo	650	647	45	3	2
Paraná	109	108	3		
S. Catarina	116	101	25		
Rio Gd. Sul	329	325	12	1	2
M. Grosso Sul	19	19			
Mato Grosso	46	48	1		
Goiás	16	18			
Distrito Federal	72	61	7	6	
TOTAL BRASIL	2745	2523	168	163	21

Fonte: Mec/SG/SEINF/Serviço de Estatística e Cultura(1985).

Tabela 2

1.2. Número de Classes Especiais por dependência administrativa e localização.

Especificações	Total	Federal	Estadual	Municipal	Particular
Rorônia	44	5		39	
Goiás	24		24		
Acre	13		11	2	
Distrito Federal	112		112		
Amazonas	39		39		
Roraima	3	3			
Para	67		63		4
Amepa	16	16			
Marenhão	41		35		6
Piaul	47		47		
Ceará	72		72		
Rio Gd. Norte	106		97		9
Paraíba	31		25	6	
Pernambuco	114		113		1
Alagoás	9		9		
Sergipe	20		20		
Bahia	95		95		
Minas Gerais	584		563	19	2
Espírito Santo	151		148	2	1
Rio de Janeiro	524		367	136	21
São Paulo	1194		1110	56	26
Paraná	167		144	29	14
Sia. Catarina	112		109	3	
Rio Gd. Sul	410		342	68	
M. Grosso Sul	39		39		
Mato Grosso	78		74	1	
TOTAL BRASIL	4130	24	3658	363	85

Fonte: MEC/SG/SEINF/Serviço de Estatística e Cultura(1985).

3. Uma classe especial na realidade da escola pública brasileira.

Para atingir nossos objetivos neste estudo, acreditamos que seja fundamental um contato direto com a escola, onde se inicia a produção da deficiência circunstancial.

Pretendemos conhecer neste estudo o perfil e a prática de todos os envolvidos na produção da deficiência circunstancial. Utilizamos da observação em sala de aula porque essas possibilitam um contato direto entre o fenômeno pesquisado, sendo a melhor maneira de aproximar do mesmo. Quanto ao registro das observações este será feito por meio de anotações escritas em um caderno de campo, que posteriormente utilizaremos na análise e na conclusão do trabalho.

Minha observação da prática escolar no ensino especial foi realizada no primeiro semestre de 1997, em uma escola estadual de Campinas, situada no bairro São Bernardo. As observações eram feitas todas as sextas-feiras de fevereiro a junho de 1997, no período da manhã das 7:00 ao 12:00. A classe estudada era composta por sete alunos, sendo que um deles até o final do estágio evadiu-se da escola.

Para conhecer o perfil dos sujeitos envolvidos utilizamos das entrevistas pois esta possibilita que conheçamos a opinião dos sujeitos a respeito de nosso problema. As entrevistas se possível, serão gravadas para que não se perca o conteúdo levantado. A intenção é aplicar entrevistas semi estruturadas com um roteiro básico, para que o entrevistados não fique limitado á questões fechadas e a dar respostas curtas e superficiais, e possa falar o que acha sobre o assunto. Os dados coletados nas entrevistas serão acrescido das observações da prática.

Meu interesse pela observação dessa escola veio do fato de ter cursado meu primeiro ano de magistério nesse estabelecimento. Durante o curso, muitas

vezes fomos solicitada para assumir a regência da classe especial, porque os professores estava ausente.

Interessou-nos desde então, conhecer as razões pelas quais a escola desconsidera o ensino nestas classes e delega-o para pessoas inexperientes, como era o nosso caso.

3.1.Conhecendo o espaço físico da classe.

A Escola Estadual “José Maria Matosinho”, objeto de nosso estudo, localiza-se dentro do perímetro urbano da cidade de Campinas. Em relação ao prédio, de uma maneira geral, seu estado de conservação é considerado satisfatório, de acordo com profissionais da escola, pois há um ano atrás, foi feita uma reforma que solucionou parte de alguns de seus problemas estruturais.

A sala estudada localiza-se no bloco das classes de 1ª a 4ª série, entretanto o espaço reservado a ela é característico de uma sala de 1ª série, com desenhos e gravuras do alfabeto.

O espaço dispõe de alguns recursos lúdico-pedagógicos, como: brinquedos, fantoches, quebra-cabeças e materiais para educação artística.

A disposição da sala obedece ao modelo tradicional: carteiras enfileiradas e, na frente, a mesa do professor.

3.2. Conhecendo os alunos

Os alunos observados caracterizam dentro do contexto da escola o fracasso escolar por estarem em uma classe especial.

O fracasso desses se evidencia pelo grande índice de reprovação nas séries iniciais do ensino de 1º grau, insuficiente alfabetização, exclusão da escola ao longo dos anos, dificuldades escolares não superadas que comprometem o prosseguimento dos estudos.

Apresentamos abaixo um resumo do prontuário dos sete alunos observados para desta maneira compreendermos o motivo de estarem na classe especial. Por uma questão de ética eles estão representados neste trabalho por nomes fictícios, são eles: Amanda, Leticia, Elaine, Felipe, Fábio, Beto e Marcos.

Nenhum dos alunos está na referida classe por mais de um ano de escolarização. Incluímos ao final de cada resumo uma frase desses alunos definindo sua condição na escola.

Amanda

Idade: 11 anos

Histórico escolar: Não alfabetizada, nos dois anos do CB1.

Avaliação psicológica: não consta em sua ficha nenhum problema psicológico.

A aluna refere-se a si mesma da seguinte maneira:

...“Eu só burra mesmo, Tia”...

Leticia

Idade: 10 anos

Histórico escolar: aprovada para cursar a 3ª série, porém já foi suspensa três vezes da escola e está em risco de expulsão.

Avaliação psicológica: Problemas de “má conduta disciplinar”, brigas com o alunado e desrespeito aos professores.

Ela refere-se que: **...“Aqui a gente apanha dos meninos e ninguém presta atenção na aula, só tem burro”...**

Elaine

Idade: 9 anos

Histórico escolar: cursou o CB1 onde não conseguiu ser alfabetizada por apresentar problemas de visão e auditivo.

Avaliação psicológica: tem grande dificuldade de relacionamento com os colegas e professores, apresenta deficiência, na área da visão, audição e fala.

Ela afirma que:

...“Eu não sei escreve, a Tia tenta me ensinar mas esses meninos não deixam, são umas pestes”...

Felipe

Idade: 12 anos

Histórico escolar: repetente da 4ª série por três anos consecutivos.

Avaliação psicológica: não apresenta problemas psicológicos.

Refere a sua situação afirmando que:

...“Eu to aqui porque sou retardado minha mãe disse”...

Marcos

Idade: 14 anos

Histórico escolar: repetente de várias séries consecutivas, tentou vaga no supletivo, onde não foi atendido por causa da idade no seu retorno a escola foi encaminhado para sala especial.

Avaliação psicológica: apresenta problemas de comportamento, é agressivo e mal disciplinado.

O aluno afirma que:

...“Eu tenho vergonha de estar na classe especial por isso peguei esses livros de meu irmão pra vim para escola”...

Fábio

Idade: 13 anos

Histórico escolar: repetente consecutivo da 4^a série

Avaliação psicológica: apresenta déficit de aprendizagem.

O aluno refere-se a classe especial afirmando que:

...“O Tia eu sei que aqui é lugar de burro”...

Beto

Idade: 12 anos

Histórico escolar: repetente da 3^a série por dois anos consecutivos.

Avaliação psicológica: apresenta problemas de comportamento, agressividade e já foi encaminhado para avaliação médica.

O aluno refere sobre seu dia-a-dia na classe especial dizendo que:

...“Eu não aguento mais a Dona dando esse Ba-Bo-Bu, tá pensando que a gente é criança”...

3.3. Conhecendo o professor.

O processo de ensino/aprendizagem é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam o conhecimento.

O professor é responsável de preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, na vida cultural e política. Ele é mediador entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre provendo as condições e os meios, como conhecimento e métodos, que assegurem o encontro

do aluno com as matérias de estudo. Para isso o professor deve planejar suas aulas a fim de desenvolver essas possibilidades. Também é de responsabilidade do professor o empenho na instrução e educação dos seus alunos, dirigindo o ensino e as atividades de estudo de modo que estes dominem os conhecimentos básicos e as habilidades e assim desenvolvam suas capacidades intelectuais, tendo em vista equipá-los para enfrentar os desafios da vida prática no trabalho. O professor deve também ter o compromisso ético-político para exercer seu papel. Esse compromisso se constrói em processo na medida em que somos chamados a responder aos desafios do cotidiano escolar.

Para conhecer o perfil do professor, optei por realizar uma entrevista formal com roteiro pré-estabelecido (anexo 1).

A seguir apresentamos trechos das entrevistas que consideramos relevantes para este estudo.

Entrevista 1

Nome: Sandra Helena(SH), professora da classe especial observada neste estudo.

Idade: 22 anos

1)SH-... “Minha formação profissional é o magistério no Carlos Gomes de Campinas. Na minha opinião o curso foi bom, mas não me prepararam para dar aula na classe especial”...

2)SH-... “Não, porque não tenho tempo. Alguns cursos são oferecidos no horário de aula, mas também nunca fiquei sabendo de um curso para classe especial”...

3)SH-... “Trabalho lá 3 anos como professora, mas nunca dei aula para classe especial, por isso não tenho experiência.

Estou aqui porque a professora que dava aula na classe especial se aposentou então me “jogaram aqui”. Eu estou tentando, mas enfrento muitos problemas com os meninos. Eles não prestam atenção na aula, não copiam o que eu passo na lousa, batem nas meninas, brigam entre eles e não me respeitam. Ah!.. É difícil trabalhar com eles, quando vão para quadra fazer educação física ficam mais calmos, mas tem dias...que nem a quadra resolve.

Quando a sala fica muito tumultuada eu chamo a diretora mesmo, porque a diretora eles ainda respeitam, agora eu já apanhei de um deles, eles são muito revoltados. Vou ver se eu consigo ficar até o final do ano”...

4)SH- ... “Os alunos...não são deficientes, acho que só a Elaine, mas mesmo ela não tem deficiência mental. A classe tem crianças e adolescentes, a convivência fica insuportável, os meninos batem nas meninas, talvez porque são mais velhos, eu não sei, ou por revolta mesmo”...

5)SH-... “Eu tento dar aula ...(risos), mas as vezes isso é impossível. Agora eu to dando a lição da cartilha, as vezes dou uma atividade de educação artística como dobradura, desenho...estou seguindo o programa. Eu tenho pouca experiência, as vezes peço o auxílio de outros professores. Não faço nenhum trabalho especial porque não tenho experiência de classe especial”...

6)SH-... “Eu sei que a classe especial não adianta para nada, acho que essas crianças estão aqui perdendo tempo. Agora para mim o fracasso da escola é a classe especial”...

A professora em questão é recém formada no magistério, porém, como referiu na entrevista, não se sente preparada para assumir uma classe especial. A entrevista não dá parâmetros para analisar sua formação, mas identificamos em

seu discurso o despreparo e também um outro fator relevante para garantir o bom trabalho do professor em sala, ou seja, a experiência.

Em entrevista, essa professora conta que só está trabalhando na classe especial em função dos critérios da escola, não por vontade própria, como ela mesmo afirma em seu discurso: "me jogaram aqui".

O fato é que os critérios para alocação dos professores por sala de aula seguem padrões duvidosos que comprometem o sucesso da prática de ensino do professor.

Os professores com maior tempo em uma escola, ou seja com maior números de pontos podem escolher a classe em que vão lecionar. Assim os professores mais antigos têm prioridade na escolha da classe.

No nosso caso, a situação é mais grave na questão da escolha das classes. A classe especial, pelos rótulos e estigmas que ela já traz consigo, fica destinada aqueles que não podem escolher, ou seja, professores com menor número de pontos, recém contratados e inexperientes.

O agravante nesta prática impensada é que não se consideram os critérios voltados á clientela em questão.

Considerando a responsabilidade do professor no processo de construção da deficiência circunstancial devemos nesse momento refletir sobre sua formação, pois esses profissionais desempenham um importante papel nesse processo de "fabricação" do deficiente.

A formação profissional é um processo pedagógico de preparação científica e técnica do professor para dirigir competentemente o processo de ensino. Essa deve abranger a formação teórica científica, incluindo a formação acadêmica específica nas disciplinas em que o docente vai especializar-se e a formação pedagógica que envolve conhecimentos que contribuem para o esclarecimento do fenômeno educativo no contexto histórico-social. A formação técnica prática visa a preparação profissional específica para a docência, incluindo as didáticas e as metodologias. Esses aspectos devem ser trabalhados de maneira articulada.

O professor em questão deve estar preparado para trabalhar com as especificidades de seus alunos, levando em conta suas diferenças sem tê-las com deficiência, para que assim não entre em risco a aprendizagem dos alunos.

3.4.A opinião do psicólogo

Os psicólogos são pessoas importantes no processo de construção da deficiência circunstancial. São psicólogos que respondem legalmente pelo diagnóstico psicológico de uma criança e seu encaminhamento para classe especial. Esse encaminhamento representa o passaporte para o “estar deficiente” ou seja para a deficiência circunstancial.

Desta maneira é fundamental conhecer a opinião do psicólogo responsável pelos encaminhamentos nessa escola. Para tanto optamos pela entrevista formal (anexo 2).

A seguir apresentamos trechos da entrevista que consideramos relevante para este estudo.

Entrevista 2

Nome: Maria Luisa(ML), psicóloga da rede estadual de ensino, atuando na escola.

Idade: 32anos.

1)ML.... “Sou psicóloga há 5 anos, sou formada pela Pucc de Campinas, mas no Estado trabalho há 1 ano. Sou especializada em Psicologia Escolar e Psicologia Clínica. Constantemente faço cursos particulares que são realizados fora meu horário de trabalho”...

2)ML-... “Como já disse trabalho há 1 ano no estado, mas meu direcionamento para área escolar aconteceu na faculdade, muitos estágios foram feitos em clínicas mas meus pacientes eram crianças com problemas com a rotina escolar num todo”...

3)ML- ... **"Atendo crianças com problemas na sala de aula, que apresentam dificuldade para aprender, que têm problemas de comportamento e agressividade, crianças deficientes.**

4)ML-Sou responsável pelo diagnóstico das crianças a mim encaminhadas, uma função que exige de mim profissionalismo e muita competência. Muitas vezes posso decidir o destino de uma criança na sua vida escolar. Ehl muita responsabilidade. Somos nós psicólogos que respondemos legalmente pelo diagnóstico dessas crianças.

5)ML- Eu acho que a classe especial já esta ultrapassada, ela foi criada com uma finalidade, mas hoje ela tem outra, dentro da escola pública. A classe especial deveria ser melhor assistida pelas autoridades escolares e reformulada na sua íntegra. Mas vejo um grande descaso em relação a ela. Agora, em relação ao fracasso escolar, sei que ele é um grande problema na educação brasileira, muitos param de estudar devido a seu fracasso na escola e infelizmente nada se tem feito para isso... nenhuma política educacional, nenhuma atitude, parecem desconhecer o fato.

Cada vez mais tem-se procurado o psicólogo para decidir sobre questões educacionais, assim;

saúde e educação se encontram, constituindo uma relação que tem, muitas vezes, sido cúmplice da produção de fracasso escolar(Machado, 1994, p.1)

A prática de encaminhar crianças com problema de aprendizagem e comportamento para psicólogos se fundamenta em modismos, isto é, numa série de outras práticas, paralelas a essa, nas quais a prática do encaminhamento se ancora: psicólogos e professores fazendo encaminhamentos, professores sem entender os problemas das crianças.

A questão é que muitos psicólogos não têm consciência de sua decisão, ou seja, o peso do diagnóstico na vida do aluno. A entrevistada nos alerta para este fato, mostrando sua preocupação e responsabilidade com o mesmo.

Uma outra denúncia que fazemos refere-se ao fato de que muitos psicólogos que;

alheia participação ativa da instituição escolar na produção das dificuldades de aprendizagem de seus alunos(Machado, op. ct., p.06).

Ou seja, quando a criança passa pela a avaliação psicológica muitos psicólogos esquecem o contexto da origem dos problemas das crianças, a escola. Desta maneira, o psicólogo tem desvinculado seus testes e anamneses do contexto onde a criança se insere.

Mas basta ter um olhar mais crítico para saber que um quociente intelectual baixo pode ser resultado de uma experiência escolar traumatizante, que possa ter depreciado a auto estima da criança.

Os psicólogos devem estar atentos ao encaminhamento dessas crianças, o laudo psicológico deve ter em vista sempre o contexto escolar, os estigmas e rótulos, para que esses encaminhamentos não sirvam apenas para encher de alunos as classes especiais. Finalizando;

As classes de educação especial funcionam algumas vezes como válvula de “escape” para a inadequação e fracasso do ensino público(Machado,op. ct. p.53).

3.5 Discussão da Prática

Apresentamos abaixo situações provenientes de nossa observação da prática escolar em uma classe especial, registradas no nosso caderno de campo.

O objetivo é ilustrar os fatos, bem como discuti-los, para entendermos de forma mais sistemática. Foram escolhidas quatro indicadores considerados relevantes para nosso estudo como: a relação professor/aluno, a metodologia de ensino, o tipo de avaliação e também as concepções do professor sobre seus alunos, tentamos demonstrar em nosso estudo a influência desses indicadores no processo de construção da deficiência circunstancial.

Relação Professor/Aluno

A relação professor-aluno acontece principalmente na sala de aula onde ocorre a interação entre as pessoas, e essa é um momento de trocas. Do professor se espera um papel que lhe é próprio, o de mediador do processo ensino/aprendizagem. Os comportamentos, do professor e dos alunos, fazem parte de uma expectativa baseada na ideologia definidora da sociedade. Os valores se passam na interação nem sempre de forma clara e determinada. Sua prática e seus saberes são resultado da apropriação que ele fez da prática e dos saberes históricos-sociais. A relação professor aluno se define também no âmbito da afetividade.

Situação 6

A professora iniciou a aula com tradicional chamada e pede silêncio a classe. Mas a bagunça dos alunos continua a ponto da professora ter que chamar a atenção novamente e mudar alguns alunos de lugar.

Resolvido este episódio a professora começa a passar a matéria na lousa. A matéria correspondia ao conteúdo de matemática sobre algumas operações como adição, subtração e problemas envolvendo essas operações. Após a professora encher o quadro negro de matéria o aluno Fábio fez o seguinte comentário:

...“Tia mas que coisa mais babaca, continha para criança, eu sei resolver isso de olhos fechados”...

Imediatamente veio a resposta da professora:

... “Se soubesse responder tão bem não estaria aqui, já que está isso é sinal que tem que fazer isso mesmo até aprender”...

O fato gerou risadas da classe, e o aluno resolveu afrontar a professora dizendo:

... “Tia se você não quer ensinar é porque não sabe nem para você”...

Então a professora respondeu:

... “Eu sei muito bem, mas aqui nessa classe eu tenho que ensinar isso mesmo; Fábio largue de ser teimoso e copie a matéria e resolva os problemas se não você vai ficar aqui mais uns 2 anos”...

Situação 11

Começou a aula, a professora fez a chamada dos alunos, como todos os dias e disse a classe que queria que todos prestassem atenção pois precisava ter uma conversa com eles. O assunto era a avaliação feita na semana passada. A professora então disse:

... “Gente vou entregar as provas, muitos de vocês não foram bem”...

Seguindo, começou a chamar os alunos em voz alta, entregando a prova e fazendo seus devidos comentários. O fato gerou um silêncio na classe. Então a professora disse:

... “Elaine, você precisa estudar mais, para alcançar seus amiguinhos da sala, senão onde você vai parar desta maneira; menina não sei o que vem depois da sala especial”...e no fim entregou a prova.

Os comentários da professora geram risos e brincadeiras dos colegas de classe. O aluno citado ficou constrangido e a aluna Elaine abaixou a cabeça na carteira e chorou.

Nessas situações fica claro a importância do professor no processo ensino/aprendizagem, pois muitas vezes o professor tende a agir em sala de aula, visando o aluno ideal, não levando em conta a diversidade cultural de seus alunos e comprometendo assim o desenvolvimento dos mesmos . Ao longo dos anos já se constatou a influência da relação professor/aluno no processo ensino/aprendizagem. Para Cabral (1987) o professor é o grande líder do processo ensino/aprendizagem. Segundo o autor:

As percepções do professor na situação de interação professor/aluno sofrem influência de sentimentos, sejam eles positivos ou negativos, que possui em relação aos alunos como um grupo; bem como dos estereótipos de seu meio social . Estes fatores também vão influenciar a percepção do aluno que tange à interação professor/aluno concretizada ao longo do processo ensino/aprendizagem (p.16)

A percepção do professor é também influenciada pelos estereótipos e preconceitos originados da sociedade, que traz para dentro da sala de aula. A distância cultural entre a escola e seus alunos apresentam-se através das características do material didático, conteúdo e da linguagem utilizada pelo professor. Assim também a prática do professor pode vir a comprometer o desenvolvimento intelectual de uma criança, criando assim nessas a deficiência circunstancial, porque mesmo que essas crianças sejam tratadas como deficientes mentais na escola não são necessariamente em outros ambientes sociais, como na família e na comunidade.

São crianças retardadas por seis horas(President's Committee on Mental Retardation, 1970).

Para o aluno Fábio que questiona sobre a matéria dada a resposta da professora vem confirmar sua condição de deficiente circunstancial. Para a aluna Elaine fica claro segundo a professora que seu nível intelectual é inferior dos demais o que causa na aluna angústia e decepção. Para Marcos, segundo o fato

vivenciado, a situação é um pouco mais animadora pois a professora afirma que o aluno só tem cara de burro, mas na verdade é um aluno inteligente.

Metodologia de Ensino

O professor ao dirigir o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos utiliza intencionalmente de um conjunto de ações, procedimentos chamados métodos de ensino.

Na prática, a metodologia de ensino é fundamental para garantir harmonia entre o educador e o educando. Trata-se de uma peça fundamental, da a chave para o sucesso ou fracasso escolar dos alunos. E o que é um método de ensino? É a organização e padronização de um conjunto de idéias, por meio de técnicas, permitindo a operacionalização do pensamento, é uma elaboração teórica, um processo que acontece em todos os espaços culturais e é assim que o conhecimento é construído, coletivamente e historicamente e não apenas por um único sujeito.

Sob o pretexto de facilitar o aprendizado ensinam-se a norma, as regras, o método mas não se criam as condições para que o aluno domine os conhecimentos. Muitas vezes o estudante aprende a aplicar o resultado de um conhecimento teórico que ele nem sabe qual é, ou realiza uma atividade sem entender o conteúdo dela.

Situação 7

A professora iniciou a aula passando o “ponto” na lousa. O “ponto” era uma lição da cartilha, a letra C.

A professora escreveu na lousa o ca-co-cu e desenhou uma casinha ao lado, pedindo para os alunos copiarem. Depois, passou um ditado com algumas palavras e por ultimo entregou um pedaço de dobradura para cada aluno e ensinou a fazer o telhado de uma casinha, que era para ser colado no caderno e para eles desenharem o restante da casinha. Os alunos se desinteressaram pelo conteúdo e enquanto a professora passava a lição os alunos conversavam, brigavam e por muita insistência da professora realizaram a dobradura.

O comentário da sala foi:

Marcos-... **“Tia eu não sou criança para fazer ditado...”**

Fábio-... **“O Dona eu não quero fazer essa casinha, isso é coisa para menina...”**

Felipe-... **“O Tia eu já sei essa lição e já sei fazer casinha também”...**

O que se pode verificar nesta situação é que o professor tem uma parcela de responsabilidade sobre o processo de aprendizagem de seus alunos. Neste fato a deficiência circunstancial apresenta-se com o não aprender do aluno. Muitas vezes localiza as causas do não aprender na criança quando se trata de enxergar a prática do professor e localizar nela as falhas maiores.

Considerando que o professor é um elemento importante no processo ensino-aprendizagem, a sua formação profissional é um ponto relevante para essa discussão. Afinal como estamos formando nossos professores para a prática?

No caso observado a metodologia de ensino caracteriza-se de modo a não garantir a aprendizagem do alunos pois esta apresenta-se de maneira desinteressante e ultrapassada para os alunos. A classe se caracteriza por alunos com idade entre 9 a 14 anos, onde a predominância são crianças maiores de 12 anos já alfabetizadas assim sendo o conteúdo em questão da forma que esta abordado, descontextualizado da realidade dos alunos, desestimula os alunos.

Não podemos perder de vista as críticas em relação a cartilha, onde a esta representa um instrumento de ideologia da transmissão cultural, e também porque;

o problema se agrava na medida em que a maioria das cartilhas foi planejada também para a chamada “criança média”, onde se supõe que toda uma série de habilidades básicas já estejam instaladas. Além disso, é muito freqüente essas cartilhas apresentarem problemas relacionados com a

seqüência dos conteúdos, atividades propostas, linguagem utilizada e valores subjacentes (Leite,1988,p.38)

Avaliação

o ato de avaliar, é exercido em vários momentos da vida e é feito a partir de juízo provisórios, opiniões assumidas como corretas que ajudam nas tomadas de decisões. Assim como na vida o ato de avaliar esta presente em todos os momentos da sala de aula. Alunos e professores estão permanentemente avaliando a tudo e a todos. O professor emite juízos, opiniões e até julgamentos sobre cada um dos alunos em particular. Nesse caso os juízos emitidos definem a forma de seu relacionamento com os alunos, punições e prêmios, conforme estes se aproximem ou não de suas expectativas.

Situação 9

Dia da Avaliação

Os alunos chegaram e ocuparam seus lugares para realizar a prova que foi avisada previamente. Então a professora começou a distribuir a prova. Havia 3 níveis de prova diferentes (anexo 3): F(fraco), R(regular) e F+(Forte). Para a aluna Elaine, que tem problemas visuais e auditivos, a prova era do nível F , a maioria dos alunos receberam a prova R e o aluno Marcos, fez a prova F+.

O fato gerou estranheza nos alunos que perguntaram o porque de diferenças. A professora respondeu dizendo haver níveis diferente entre eles, o fato gerou revolta de algumas crianças, como Elaine que abaixou a cabeça na carteira e chorou, novamente.

Ao se discutir sobre o “não aprender” nas escolas, é bastante comum a referência aos fatores emocionais, como causas do desempenho escolar. Isso acontece independentemente do espaço físico e intelectual, em que ocorra a conversa. Uma criança com problema emocional poderá apresentar repercussões desse problema em todos os momentos de sua vida, em todas as suas atividades, inclusive na escola. De uma maneira genérica as falas sobre problemas emocionais centraram-se em comportamento, em uma visão bastante preconceituosa. Crianças com tantos desajustes tão problemáticas sob o prisma

emocional, só podem mesmo ter um comprometimento de sua aprendizagem na escola. Como é o caso da aluna Elaine que se revolta quando recebe a prova F(fraco).

Ainda nesta situação podemos falar sobre o conteúdo das provas (anexo 6.3). A prova obedece ao modelo tradicional de avaliação, onde esta em si reproduz a lição da cartilha pedindo em algumas situações para os alunos reproduzirem o modelo da caligrafia impresso na cartilha ou mesmo escrever frases interligando palavras, situações essas descontextualizadas, incapazes de avaliar o potencial de um aluno.

A avaliação desenvolvida durante o processo ensino-aprendizagem deve estar vinculada a um projeto educativo mais amplo, sua elaboração a nível de escola deve contar com a participação dos professores, alunos, demais profissionais da escola, pais ou responsáveis e representantes da comunidade onde a escola está inserida.

A avaliação é exigida pelo sistema escolar no sentido burocrático, apresentada como notas e conceitos. É importante ressaltar aqui que essa avaliação não deve ser a única atividade avaliativa a ser desenvolvida. Durante todo o processo de ensino-aprendizagem a avaliação deve se fazer presente formulando diferentes elementos que configuram o caminho da atividade pedagógica.

O ato de avaliar é uma fonte de conhecimentos e de novos objetivos a serem alcançados no sentido permanente do processo educativo.

As concepções do professor sobre seus alunos.

Situação 4

Elaine... **“Ela é esforçada, mas devido a seus problemas de visão e audição acho que vai ficar mais uns dois anos aqui na classe especial”...**

Marcos... **"Esse é esperto, acho que não deveria estar aqui estamos tentando uma vaga para ele no supletivo"...**

Letícia... **"Ela é uma aluna muito revoltada, meio louca mesmo outro dia trouxe uma faca na escola essa ainda fica aqui se não for expulsa antes"...**

Amanda... **"Essa aluna é muito desligada, deve ter uns pinos soltos mesmo, eu ensino cinco vezes a mesma coisa e ela não aprende. Essa também fica aqui uns dois anos"...**

Felipe... **"O Felipe é uma judiação ele só dorme na aula, eu se esforça nas lições e tarefas, chega na hora da prova vai mal, mas o que eu posso fazer"...**

Fábio... **"O problema dele é de família na casa dele só tem doido, ele é meio retardado, você vê na cara. Esse ainda vai ficar por aqui até conseguir ir para uma escola especial"..."**

Beto... **"Esse tem problema a gente sabe, já foi encaminhando para Unicamp, mas até sair o resultado fica por aqui mesmo, o destino dele ele já sabe, ele não vai para frente nos estudos"...**

De fato no final deste estágio esse aluno evadiu-se da escola.

Nesta situação temos a professora discutindo suas concepções em relação a seus alunos, às vezes carregada de rótulos, estigmas e pré-conceitos. A professora não leva em conta a heterogeneidade da classe, muito pelo contrário os professores buscam classes homogêneas.

Através dos anos já se demonstrou através de pesquisas educacionais a importância da heterogeneidade para o processo ensino/aprendizagem. São as classes heterogêneas um espaço rico em interação com diferentes estágios de desenvolvimento, diferentes experiências de vida enriquecendo a troca entre os alunos. A prática homogeneizada é defendida com argumentos de facilitar o trabalho do professor e melhorar o rendimento das crianças .

Patto(1993) já alertou para o fato desta prática homogeneizadora como indutora da **"profecia auto-realizadora"**, por meio da qual as professoras vêem

confirmadas suas previsões feitas logo no início do ano a respeito de cada aluno. E ainda afirma;

Na prática, uma outra motivação fala mais alto: cada professora tenta livrar-se dos alunos que lhe são indesejáveis, ou porque contribuirão para aumentar os índices de reprovação em sua classe ou porque perturbam a ordem, mobilizando seus fantasmas além do que pode suportar...”(p214)

Collares(1995) ainda critica este ponto afirmando que;

A capacidade de o professor identificar rapidamente que crianças vão aprender e quais não vão aprender- o já exaustivamente discutido e criticado “tirocínio diagnóstico”- é apresentada de uma forma tão natural e sem dúvidas, que aparenta um poder mágico. Ou um dom. O que nos remete, obrigatoriamente, ao conceito de aptidão como característica inata(p.44)

O professor deve estar atento a diversidade cultural de seus alunos, entendendo os alunos diferentes sem rotular, estigmatizar ou usar de pré-conceitos;

É preciso duvidar, aqui, dos resultados negativos dos esteriótipos onde diferente quer dizer indesejável e onde diferente quer dizer incapaz.(Little,1987,p.1)

O professor deve estar atento para não ser o grande responsável pela construção da deficiência circunstancial.

4.Considerações Finais

Este estudo se circunscreve a uma classe especial, e representa como acontece a construção da deficiência circunstancial.

A classe estudada caracteriza-se como um lugar de construção da deficiência circunstancial, pois é um lugar em que existem crianças que ali estão, mas não são de fato, deficientes.

Ocorre que, ao longo dos anos, essas classes se transformaram em depósitos para os indesejáveis da escola, perdendo suas características, sua identidade e assumindo o rótulo de classe de burros, repetentes e bagunceiros. É o caso da classe que ora estudamos. Nela todos os alunos têm uma história de vida que retrata esta afirmação. Nela há alunos repetentes, crianças com problema de comportamento, deficientes reais e os demais indesejáveis da escola.

Nesse sentido devemos estar atentos para as exigências sociais de adaptação que estigmatizam e rotulam os diferentes, pois na sociedade;

os membros ditos normais que a compõem são sempre considerados como sendo, a priori, ajustados, eficientes, e o deficiente é o elemento que nela se destoa, não correspondendo as suas normas e que, em função dessa dissonância, precisa ser cuidado, reeducado, readaptado, reabilitado para inserir no contexto em que vive. (Mantoan, 1994, p.13)

O desenvolvimento exige dos indivíduos troca cognitivas, afetivas e sociais além da diversidade cultural. Assim sendo;

As trocas, contudo, implicam em desenvolvimento quando envolvem diferenças. De fato, trocas entre iguais não causam desequilíbrios e, portanto, não provocam avanços. (op.cit.p.13)

Aprender em uma classe especial é diferente de aprender em uma classe comum, pois a classe especial traduz a identidade do mau aluno, incapacitado e fracassado.

E ao aluno que está na classe especial cabe algumas explicações com relação ao seu fracasso, ou a sua deficiência circunstancial, pois ele só é deficiente quando está dentro da sala de aula.

Entre as diversas explicações dos déficits de inteligência temos as causas circunstanciais centradas na criança, na família, no professor, na escola e no sistema escolar como um todo.

Com relação as causas relacionadas às crianças, elas são devidas a fatores como: desnutrição, doenças neurológicas, deficiência mental, falta de motivação e imaturidade. Quanto às causas ligadas as famílias temos a pobreza as diferentes formas de desestruturação dos lares. Ao professor atribui-se a má-formação, ao uso de pré-conceitos e juízos de valores. Ao sistema de ensino e a escola resta modernizar, buscar novas alternativas de trabalho, enfim qualidade de ensino.

Centrar as causas da deficiência apenas nas crianças é na verdade, mascarar as demais razões que ao longo do trabalho demonstramos.

A classe especial deve resgatar sua identidade transformando a instituição escolar onde ela esta inserida e repensando o fazer pedagógico;

***"Localizar o fracasso, o problema, o "mal" na criança
significa perpetuar a situação pela culpabilização da vítima."
(Ryan, 1976)***

O fracasso escolar da maioria das crianças, portanto não pode ser justificado pela história individual das mesmas.

Estes fracassos acontecem nos cruzamentos, nos atravessamentos de várias histórias: a história da classe especial, da professora, da criança, do projeto da classe especial, dos artigos e livros que tem sido publicados, da política educacional.

Desta maneira devemos repensar a prática de ensino levando em conta todas essas variáveis em questão, para não perdermos de vista o ponto central de nossa discussão, neste trabalho.

Esperamos ter contribuído com este estudo para elucidação do problema da prática de ensino na classe especial de deficientes mentais. Esta prática pode e devê ser repensada, a fim de diminuir os números deste quadro alarmente da educação brasileira, que é o quadro dos repetentes, dos que evadem da escola e por tudo isso são considerados, indevidamente, como deficientes e fracassados.

5.BIBLIOGRAFIA :

Almeida, M. J. ;Camargo, E. S. P. ;Collares, C. A. L.; Moyses, M. A. A.; Bastos, S. (1986). Fracasso escolar-uma questão médica? São Paulo: Cortez.

Brasil, Secretaria de Educação Especial.(1995) Subsídio para organização e funcionamento de serviços de educação especial: área de deficiência mental. Brasília: MEC/SEESP.

Brasil, Secretaria de Educação Especial.(1995) Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP.

Cabral, E. C. . (1987). A influência da interação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. Campinas, Tese: UNICAMP.

Ciasca, S. M.. (1990). Diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem em crianças: análise de uma prática interdisciplinar. Campinas, Tese: Unicamp.

Collares, C.A.L.. (1995). O cotidiano escolar patologizado. Espaços de preconceitos e práticas cristalizadas. Tese de Livre Docência em educação, Unicamp.

Corrêa, M. A. M. (1990). De rótulos, carimbos e crianças nada especiais. Campinas, Dissertação de Mestrado: Unicamp.

Leite, S. A. A. (1988). Alfabetização e fracasso escolar. São Paulo: Edicon.

Libâneo, J. C. (1994) Didática. São Paulo: Cortez.

Little, M.R. (1987). Educación/integración. Une collection d'écrits sur l'intégration dans les systèmes scolaires actuel des enfants qui ont un handicap intellectuel. Vol. 2. Versão francesa por Sherline Jacques. L'Institute J. Allan Roecher. Ontário. Canadá, 1987. Traduzido por Antonieta Brito. Campinas, 1995.

Machado, M. (1994). Crianças de classe especial: efeitos do encontro da saúde com a educação. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mantoan, M.T.E. (1989). Compreendendo a deficiência mental. São Paulo: Scipione, 1989.

_____ (1994). Ser ou estar. Eis a questão! Uma tentativa de explicar o que significa o déficit intelectual. São Paulo: Revista Pro-Posições, vol. 5, nº2 [14]-60-69.

Patto, M. H. S. (1993). A Produção do fracasso escolar. São Paulo: T. A. Queiroz.

President's Committee on Mental Retardation. The six-hour retarded child. Washington: U.S. Government Printing Office, 1970.

Peralva, A. T. (1984). Relação professor x aluno no cotidiano escolar. São Paulo : EDUSP .

Viana, V. A. (1992). Professor e aluno. São Paulo : Atual .

Werneck, H. (1987). Ensina-mos demais, aprendemos de menos. Rio de Janeiro : Vozes .

6.ANEXOS

6.1.ROTEIRO DE ENTREVISTA (PROFESSORES)

- 1)Qual sua formação profissional?
- 2)A quantos anos trabalha na área?
- 3)Qual a sua clientela?
- 4)Qual seu trabalho com a classe especial?
- 5)Quais as suas concepções a respeito da sala especial e do fracasso escolar?

6.2. ROTEIRO DE ENTREVISTA (PSICOLÓGOS)

- 1)Qual sua formação profissional?
- 2)A quantos anos trabalha com escola?
- 3)Qual sua clientela?
- 4)Qual o seu trabalho na escola?
- 5)Quais as suas concepções a respeito da classe especial e do fracasso escolar?

6.3. Provas

E.E.P. S.G. "Jose Maria Malesinho."

Nome:

Classe Especial - 3

Prova Bimestral

ca co cu

1. Siga o exemplo

2. Escreva dez palavras da família C.

3. Escreva os nomes das figuras.

C _____



C _____

E.E.P.S.G. "José Maria Matosinho".

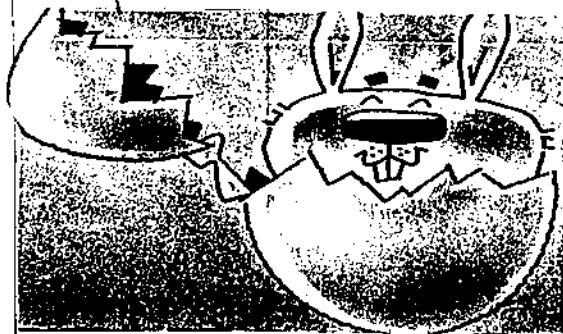
Nome:

Classe Especial - R

Prova Bimestral

Ca Co Cu

1. Ligue os desenhos com seus significados.



corneta

coelho



casca de ovo

2. Continue a frase usando palavras com a letra C.

Clara comeu ...

Clóvis bebeu ...

O camelo caiu

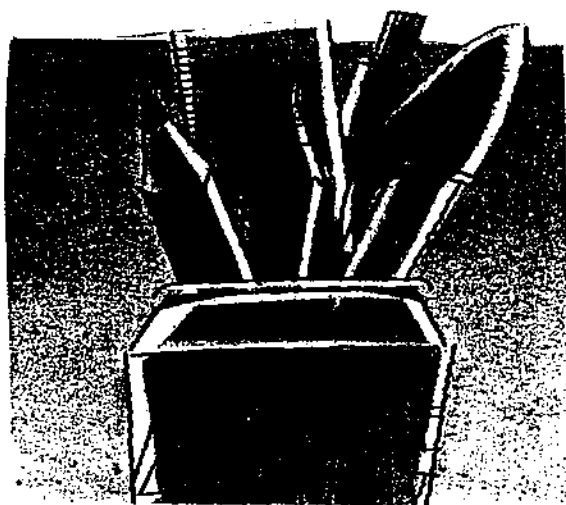
E.E.P.S.G. "José Maria Mateusinho"

Nome:

Classe Especial - 3º

Prova Bimestral

ca ca cu



Identifique as palavras
com a letra C
e escreva abaixo.

Monte frases com as palavras.

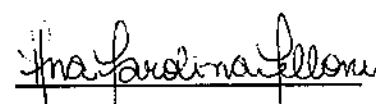
Caca - caixa

cadeira - cope - colher

cola - cama

cachorro - chute - coelho.

Faça uma redação com 10
palavras da família do C que
você conhece.



ANA CAROLINA PELLONI

Aluna da Faculdade de Educação

MARIA TERESA EGLER MANTOAN

Orientadora do Projeto